
WILKIS, Ariel. *Las sospechas del dinero: moral y economía en la vida popular*. Buenos Aires: Paidós, 2013. 192 p.

*Moisés Kopper**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil

Poucos temas são, ao mesmo tempo, tão clássicos e controversos quanto o dinheiro. Sua exegese analítica foi realizada por gerações de economistas, e sua problematização é concomitante ao próprio surgimento das primeiras grandes teorias sociológicas. Talvez, justamente, por conta dessa passagem – um tanto problemática para a primeira geração de cientistas sociais (ver Simmel, 1998; Weber, 1978) – da economia à sociologia, o dinheiro tornou-se um daqueles “temas” que, à maneira da linguagem, pela sua ambiguidade, viu-se, de um lado, como um objeto de investigação privilegiado e, de outro, como próprio meio pelo qual o objeto poderia ser explicado¹ (Hart, 2012).

Em função de sua abstração – ou melhor, do princípio de que o dinheiro *apenas* se explica pela sua abstração como mecanismo de equivalência e intercambialidade –, a análise sociológica em torno de suas funções esteve muito próxima do significado que adquiria em modelos econômicos hegemônicos: isto é, como meio de troca, unidade de conta e reserva de valor (Carruthers, 2005; Clarke, 1996, p. 209-211). Por sua vez, a antropologia engajou-se nesse debate a partir do estudo de formas variáveis de dinheiro em sociedades primitivas ou, em todo o caso, não ocidentais (Douglas, 1967; Polanyi, 1957; Zelizer, 2010, p. 97-98).

Apenas na década de 1980, com o surgimento de uma literatura especializada sobre o tema, e a institucionalização da sociologia e antropologia da economia (Neiburg, 2010), o dinheiro volta a ser objeto de investigações

* Doutorando em Antropologia Social. Contato: moiseskopper@gmail.com.

¹ De fato, o dinheiro e sua materialidade estão na origem das disputas sobre a relação do homem moderno com a história e a subjetividade. Acusado, frequentemente, de aniquilar as relações sociais por meio da produção de equivalências intrínsecas e objetivas, o dinheiro foi largamente considerado como o oposto da produção de sentido – este, necessariamente transcendente e excedente em relação aos objetos e processos a que se refere.

acadêmicas das ciências sociais (Hann; Hart, 2011; Smelser; Swedberg, 2005). Os primeiros sinais dessa inflexão se tornam visíveis na tentativa de estender a compreensão do dinheiro para áreas até então não dominadas pelos economistas, com especial atenção para a análise dos efeitos não econômicos da ação econômica (Maurer, 2006; Parry; Bloch, 1989; Zelizer, 1994, 2009, 2010). Os questionamentos passaram a envolver os usos, os efeitos, as apropriações e potencialidades que o dinheiro produziria nas vidas e relações das pessoas no seu cotidiano – o que vinha ao encontro de novas concepções teóricas que percebiam a economia enquanto campo emaranhado e embebido (“embedded”) na vida social. A pergunta deslocava a unilateralidade do dinheiro e o diluía em múltiplas e diversas *espécies*, ao mesmo tempo em que questionava a existência, insuspeita e homogênea, de sua vertente moderna.

O trabalho de Ariel Wilkis – *Las sospechas del dinero: moral y economía en la vida popular* – insere-se na esteira dessa tradição. Ao mesmo tempo, provoca o leitor noutra direção, recuperando o desafio de pensar uma sociologia do dinheiro a partir da moeda enquanto peça central da vida social. Resultado de dez anos de investigações etnográficas realizadas na região metropolitana de Buenos Aires, a pesquisa de Wilkis tem, entre seus méritos, o de trabalhar nas fronteiras entre a antropologia e a sociologia, permitindo-lhe privilegiar a riqueza etnográfica dos dados e manobrar com os instrumentos teóricos que potencializam o seu entendimento.

Produto de uma nova geração efervescente de pesquisadores argentinos, muitos dos quais com titulação acadêmica obtida em centros de excelência europeus, Wilkis doutorou-se, simultaneamente, pela École de Hautes Études en Sciences Sociales e pela Universidad de Buenos Aires. Atualmente, é professor de sociologia na Universidad Nacional de San Martín, e coordenador do Centro de Estudios Sociales de la Economía (CESE), vinculado ao Instituto de Altos Estudios Sociales (IDAES).

A partir de um estilo livre de escrita – em tom quase ensaístico –, a narrativa de Wilkis mergulha o leitor nas incertezas e negociações cotidianas que permeiam o fluxo da vida e marcam as relações das classes populares com o dinheiro. Sem descurar dos contextos macroinstitucionais que servem de moldura às ações de sujeitos concretos, o autor oferece-nos ferramentas para compreender como o dinheiro articula as experiências pessoais às dinâmicas sociais, econômicas e políticas em que estão imersas.

Observar a dinâmica do dinheiro a partir das classes populares implica lidar, constantemente, com o repertório moral de injunções prescritivas a respeito do seu uso cotidiano. Uma genealogia rápida dessas gramáticas demonstraria a evolução histórica dos polos sobre os quais recaem tais “suspeitas”: da figura do usurário (Le Goff, 1989), passando pelas novas burguesias emergentes (Campbell, 2001), até chegar às novas classes médias, resultado das recentes políticas de redistribuição de renda e da expansão do consumo. Wilkis demonstra, com efeito, que a crítica convencional e irrestrita ao caráter corrosivo do dinheiro passa progressivamente a ser substituída por um conjunto de modulações morais que associa a liberdade – isto é, a possibilidade de considerar um campo para a agência – a certas categorias de sujeitos tidas como indesejáveis ou impróprias para exercê-la adequadamente.

Sua sociologia moral do dinheiro tem, pois, um duplo objetivo. De um lado, esforça-se em demonstrar seu caráter positivo, múltiplo e criador, na esteira de uma concepção total do fenômeno (Mauss, 2003), o que fica evidente na própria disposição dos capítulos: dinheiro *doado*, *militado*, *sacrificado*, *cuidado*, *ganhado* e *emprestado*. Como tal, o dinheiro permite uma reflexão e circularidade sobre as diferentes camadas semânticas da vida popular: a filantropia, a política, a religião, o ambiente doméstico, a economia popular e o acesso ao crédito. De outro lado, sua agenda de investigação tensiona-se com o “dinheiro suspeitado”, uma vertente moralizante que considera problemático o seu cruzamento com a religião e a política, e joga dúvidas sobre o dinheiro desinteressado da doação, do sacrifício, do cuidado e do empréstimo.

Na abordagem de Wilkis, a circulação monetária é diretamente proporcional ao reconhecimento de propriedades enquanto *virtudes* no interior de relações específicas. O dinheiro torna-se o resultado visível e o meio pelo qual os sujeitos medem, comparam, avaliam, hierarquizam e diferenciam pessoas e atos sociais: “El concepto de *capital moral* se ubica en esta perspectiva: pretende mostrar el dinero como un transporte de virtudes y valores morales en lógicas monetarias plurales.” (p. 28, grifo do autor). Em última instância, portanto, o dinheiro é múltiplo não tanto porque variam seus usos, mas porque coloca à prova, e demanda justificações morais calcadas em ordens de valor distintas. Cada *peça de dinheiro* aciona hierarquias de virtudes e tipos de reconhecimento que empoderam diferentemente os sujeitos que se situam em seu

horizonte; daí porque uma sociologia moral deve, necessariamente, traçar as continuidades e rupturas de seus emaranhados empíricos:

Propongo una sociología moral para capturar las significaciones y los desperfectos del dinero, y así reconstruir las tensiones, los conflictos y los dilemas a los que los hechos monetarios exponen a las personas y sus vínculos sociales. (p. 26-27).

A estrutura do livro reflète essa proposta, e está baseada nas distintas *peças de dinheiro* que arrematam as narrativas de seus informantes. No primeiro capítulo, Wilkis lança algumas reflexões sobre as implicações do *dinheiro doado*, a partir de um recorrido de seu trabalho de campo com vendedores da revista *Hecho en Buenos Aires* (ver também Wilkis, 2008) e uma cooperativa de catadores de lixo, acentuando cenas desveladoras de litígios morais que “se modulan al ritmo de regímenes heterogéneos (y opuestos) de opiniones y sentimientos sobre el dinero” (p. 46).

A partir do segundo capítulo, Wilkis explora outras modalidades de dinheiro, contextualizadas a partir de suas experiências de campo em Villa Olimpia, um bairro periférico que experimentava, ao tempo de seu primeiro contato, um projeto de urbanização que a converteria em um “laboratório monetário” (p. 58). Articulando a agência de lideranças políticas, figuras eclesiais e moradores locais, Wilkis reconstitui o campo de tensões que configura o dinheiro enquanto unidade de conta moral. Com particular destreza, consegue reconectar temas caros à sociologia e antropologia do dinheiro, a partir dos marcos de calculabilidade (p. 155) de Mary, sua principal informante, cuja trajetória perpassa a obra. Através de sua narrativa é possível observar as nuances e efeitos empíricos de uma economia popular globalizada, pontuada por mercados e feiras informais, pela financeirização do crédito e oferta de dinheiro, pelos programas de transferências monetárias condicionadas, pela circulação do dinheiro na política popular e pelos novos arranjos familiares e subjetivos que os usos do dinheiro cotidianamente suscitam.

Referências

CAMPBELL, C. Como se explica a revolução do consumidor na Inglaterra do século XVIII. In: CAMPBELL, C. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. p. 31-56.

CARRUTHERS, B. The sociology of money and credit. In: SMELSER, N.; SWEDBERG, R. *The handbook of economic sociology*. Princeton: Princeton University Press, 2005. p. 355-362.

CLARKE, S. Dinheiro. In: OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, T. *Dicionário do pensamento social do séc. XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 209-211.

DOUGLAS, M. Primitive rationing. In: FIRTH, R. (Ed.). *Themes in economic anthropology*. London: Tavistock, 1967. p. 119-145.

HANN, C.; HART, K. *Economic anthropology*. Cambridge: Polity Press, 2011.

HART, K. The persuasive power of money. In: GUDEMAN, S. (Ed.). *Economic persuasions*. London: Berghahn Books, 2012. p. 136-158.

LE GOFF, J. A bolsa e a vida: o Purgatório. In: LE GOFF, J. *A bolsa e a vida: economia e religião na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 65-82.

MAURER, B. The anthropology of money. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, n. 35, p. 15-36, 2006.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

NEIBURG, F. Os sentidos sociais da economia. In: MARTINS, C. B.; DUARTE, L. F. D. (Org.). *Horizontes das ciências sociais no Brasil: antropologia*. São Paulo: Anpocs: Barcarolla: Discurso Editorial, 2010. p. 225-258.

PARRY, J.; BLOCH, M. Introduction. In: PARRY, J.; BLOCH, M. *Money and the morality of exchange*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 1-32.

POLANYI, K. The Economy as an instituted process. In: POLANYI, K.; ARENSBERG, C.; PEARSON, H. (Ed.). *Trade and market in the early empires*. Glencoe: Free Press, 1957. p. 243-270.

SIMMEL, G. O dinheiro na cultura moderna. In: SOUZA, J.; OËLZE, B. (Org.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora da UnB, 1998. p. 23-40.

SMELSER, N.; SWEDBERG, R. Introducing economic sociology. In: SMELSER, N.; SWEDBERG, R. *The handbook of economic sociology*. Princeton: Princeton University Press, 2005. p. 355-362.

WEBER, M. *Economy and society*. Berkeley: University of California Press, 1978.

WILKIS, A. Os usos sociais do dinheiro em circuitos filantrópicos: o caso das 'publicações de rua'. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 205-233, 2008.

ZELIZER, V. *The social meaning of money*. New York: Basic Books, 1994.

ZELIZER, V. *La negociación de la intimidad*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

ZELIZER, V. Part two: the social meaning of money. In: ZELIZER, V. *Economic lives: how culture shapes the economy*. Princeton: Princeton University Press, 2010. p. 89-164.